

GASTON FESSARD E A DIALÉTICA PAULINA DO PAGÃO E DO JUDEU

Júlio Ferreira de Oliveira

Este estudo tem por objetivo apresentar um importante aspecto do pensamento do teólogo e filósofo francês Gaston Fessard, praticamente desconhecido no Brasil¹, acrescentando-lhe, ao final, algumas considerações críticas e uma notícia biobibliográfica.

1. Contexto, estilo e temas

O período de vida de Gaston Fessard (1897-1978) já diz por si o quadro histórico e social em que ele se moveu. Combatente na 1ª Guerra e mobilizado por dois meses no início da 2ª; participante da resistência à ocupação nazista, observador atento das mudanças de seu tempo, crítico singular do Liberalismo, Nazismo e Comunismo; pensador formado na escolástica e estudioso de Maurice Blondel, Maine de Biran, Hegel, Marx, Kierkegaard, Claude Lévi-Strauss e Gustave Guillaume; interessado simultaneamente na filosofia e na teologia, Gaston Fessard correu o risco da incompreensão que efetivamente sofreu². No entanto, durante toda a vida manteve um

¹ Nenhum livro de Fessard foi traduzido em português; só o artigo “As estruturas teológicas no ateísmo marxista” apareceu em português na revista *Concilium* (1966/n. 6) 24-37. Até o momento, foi-nos possível encontrar referência à sua obra apenas em livros do ensaísta Gustavo Corção, do teólogo João Batista Libanio e dos filósofos Henrique C. de Lima Vaz e José Henrique Santos. As referências dizem respeito ao t. I de *De l'Actualité Historique*, em Corção e Santos; ao t. I de *La Dialectique des Exercices Spirituels*, em Libanio; e a estes mais *Le Mystère de la Société*, em Vaz.

² Contudo, ser *incompreendido* (tal como ser *compreendido*) não equivale a estar certo, ou haver chegado à verdade, ou dela haver-se aproximado. Significa apenas que um

estilo sóbrio e elegante tanto para escrever quanto para criticar as opiniões das quais discordava³. Escrevia cartas, às vezes longas, a quem o criticava ou de quem discordava: a Jacques Maritain avisou que o criticaria em livro; a M.-J. Nicolas enviou longuíssima carta de esclarecimento (132 páginas datilografadas), bem como a outros. Do mesmo modo, depois da defesa da tese doutoral do jesuíta vietnamita Nguyen-Hong-Giao sobre sua obra, Fessard fez, durante dois meses, revisão minuciosa do texto de Giao, acrescentando-lhe algumas dezenas de páginas, sem, no entanto, alterar nenhuma crítica⁴.

Esta postura aparece desde seus primeiros livros. Assim, ao responder a um membro do PC francês, Paul Vaillant-Couturier, na obra *La main tendue. Le dialogue catholique-communiste est-il possible?*, Fessard se mantém elegante e objetivo, não obstante a malícia e ironia de Vaillant-Couturier, e mesmo quando usa da ironia na resposta, ele o faz sem exagero ou ofensa⁵. Esta educação não significa, todavia, falta de firmeza ou de clare-

pensamento foi recusado (ou aceito) *sem* ter sido compreendido. Curioso é o caso do teólogo luterano Rudolf Bultmann: sentiu-se perfeitamente compreendido pelo teólogo católico René Marlé, que a ele dedicou a obra *Bultmann e a interpretação do Novo Testamento* (1956), recomendou-a a seus críticos luteranos, saudou sua tradução em alemão (1959), mas discordou das críticas que lhe fez R. Marlé. Veja-se: R. BULTMANN, *Foi et Compréhension*. Trad. de A. Malet *et al.*, Paris: Seuil, 1969, t. 2, 207-220. Ademais, à situação de ser incompreendido pode acompanhar-se a de ser *só* ou *minoritário*. Pierre Teilhard de Chardin parece-nos ter sido um *só*, como *só* foi confessadamente Cornelius Castoriadis: veja-se a sua coletânea de publicação póstuma C. CASTORIADIS, *Une société à la derive*, Paris: Seuil, 2005, 161-165 (entrevista ao *Le Monde*, de 12/07/1986). Fessard foi *minoritário*, não *só*. Todavia, ainda assim, a situação de *só* ou *minoritário* não indica, por si, a veracidade das teses ou posições de quem está *só* ou *minoritário*.

³ Quanto a este ponto, são fundamentais as informações de M. SALES, “M. Gaston Fessard (1897-1978): *génèse d’une pensée*”, in G. FESSARD, *Le Mystère de la Société*, Bruxelles: Culture et Vérité, 1996, 5-133; ID., “Gaston Fessard (1897-1978). Un philosophe chrétien engagé dans l’histoire de son temps”, in G. FESSARD, *Hegel, le christianisme et l’histoire*, Paris: Puf, 1990, 17-21; ID., “Défense d’un mort et de la vérité”, in G. FESSARD, *Église de France, prends garde de perdre la Foi!*, Paris: Julliard, 1979, 277-283; ID., “Bio-bibliographie du P. Gaston Fessard”, in G. FESSARD, *Église de France, prends garde de perdre la Foi!*, Paris: Julliard, 1979, 285-298; X. TILLIETTE, “Une grande amitié”, in G. MARCEL / G. FESSARD, *Correspondance (1934-1971)*, Paris: Beauchesne, 1985, 7-30, bem como todas as minuciosas anotações feitas por Henri de Lubac, Marie Rougier e Michel Sales às cartas dos dois autores. Veja-se também o cuidado com que critica documentos do episcopado francês na obra publicada postumamente graças a Henri de Lubac e Raymond Aron: *France, prends garde de perdre la Foi!*

⁴ A obra foi publicada em 1974, pela Beauchesne, com longo prefácio de Jean Ladrière (pp. 5-30), sob o título de *Le Verbe dans l’Histoire. La philosophie de l’Historicité du P. Gaston Fessard*.

⁵ Homem “reto e corajoso quanto perspicaz”, como disse Henri de Lubac no prefácio de *Église de France, prends garde de perdre la Foi!*, “homem que não era de abusar da linguagem, sobre a qual meditou durante toda a sua vida”, segundo Michel Sales no posfácio à mesma obra, Fessard era, no entanto, de bom humor e expressão direta, não de espírito destrutivo. Pode-se perceber isso na desenvoltura de sua escrita e na forma como responde às críticas. Assim, em “A favor e contra a dialética do pagão e do judeu”,

za. Nesta linha, é comovente a leitura de certos “panfletos” escritos por Fessard durante a ocupação: nestes escritos de circunstância, o autor não excluía a análise breve e precisa da situação, nem cometia ofensa alguma ao feroz invasor⁶.

A análise lúcida é outro aspecto a notar. Muitos de seus livros respondiam a situações definidas, contudo, jamais ele as tratava fora de sua perspectiva teórica e sem lançar mão das categorias que desenvolvia⁷. Assim, por exemplo, a chamada dialética do pagão e do judeu, ele a desenvolveu a propósito do exame da situação criada pela retomada da militarização da Renânia em 1935, o que prefigurava o expansionismo nazista.

Por certo, nesta atitude permanente deve ter pesado o caráter reto e a vontade firme. No entanto, é preciso acrescentar a formação inaciana de Gaston Fessard, por ele assimilada como elemento de seu desenvolvimento pessoal. É o que podemos perceber de confissões dele mesmo e do que consta em suas obras. No t. I de *La Dialectique des Exercices Spirituels* (pp. 5-6), conta ele que, já desde junho de 1923, após a leitura de um livro do Pe. Bouvier sobre a *Interpretação da Meditação fundamental*, havia concebido a idéia de que os procedimentos contidos no livro dos *Exercícios*, não obstante haverem sido elaborados por S. Inácio para a escolha de um estado de vida ou de sua reforma, podiam “aplicar-se a todos os estados, a todos os casos, e que conduziam normalmente à mais alta perfeição”. Estava aí afirmada uma verdadeira posição teórica que o autor manteve por toda a vida. “Desde este momento, diz ele, eu percebi, portanto, a relação que existe entre qualquer ato de liberdade e o desenvolvimento de seus diversos tempos, tal como o expõem as quatro Semanas dos *Exercícios*”.

Esta fonte teológica e religiosa de seu pensamento passou despercebida a muitos. No Colóquio de Roma, em 1965, durante a discussão que se seguiu ao seu texto “Symbole, Surnaturel, Dialogue”, Jean Hyppolite o interpela: “Mas o vosso sobrenatural é terrivelmente racional...”. Ao que ele responde: “Sim, no sentido em que dogmas e razões teológicas não podem contradizer o racional. Não, no sentido em que não podem ser explicados e compreendidos apenas pela razão”.

ele diz: “Se fosse assim, eu deveria confessar minha tolice e dar minha língua ao gato” (G. FESSARD, *De l'Actualité Historique*, Paris: Desclée de Brouwer, 1960, t. I, 224). Ou o modo direto de comentar, como no mesmo texto: “Mas, se um teólogo só distinguisse na antítese Pagão-Judeu um *antagonismo étnico* e não o de *duas atitudes religiosas*, qualquer um estaria verdadeiramente no direito de se perguntar se ele merece seu título, ou pelo menos sobre qual fundamento *histórico* pode repousar a teologia de que ele é doutor...” (*Ibid.*, 220).

⁶ Veja-se, por exemplo, o notável “Les devoirs chrétiens du temps présent”, datado do início de 1942, em *Journal de la conscience française: 1940-1944*, 305-313.

⁷ Em particular, as três dialéticas: homem-mulher, senhor-escravo e pagão-judeu.

À primeira vista, pode parecer que ele apenas se valia de uma posição clássica na tradição cristã. No entanto, havia mais do que isso. Anos antes, ao referir-se a seus críticos, ele declarava:

Mas, a meus críticos permito-me observar que, por princípio, nunca me coloco sobre um plano puramente racional ou estritamente natural, como o pressupõem suas objeções. Ao contrário, é sempre à luz da fé especificamente cristã que abordo todos os problemas para tentar esclarecê-los [...] ⁸.

Anos depois, num encontro internacional que comemorava o bicentenário do nascimento de Hegel, Fessard apresentou o trabalho intitulado “Diálogo teológico com Hegel”. Aí, logo no início, dizia em relação às idéias de Hegel:

Tive de contentar-me em tirar o melhor partido de suas idéias, ou pelo menos daquilo que nelas captei, para guiar minha reflexão, correndo o risco de tentar corrigi-las a fim de pô-las em acordo com a inteligência de minha fé ⁹.

E para concluir este tópico, uma observação pessoal. À amiga judia Jeanne Hersch, amiga e tradutora de Karl Jaspers, ele confessou que tinha 16 anos quando foi pego “pelo pescoço” e jogado na vida religiosa; e a Michel Sales confidenciou que entrou na Companhia de Jesus mediante aquilo que S. Inácio chama “uma eleição de primeiro tempo” ¹⁰. Estas considerações procuram evidenciar a fonte ou aspecto teológico-religioso de Gaston Fessard, fundamental para a inteligência de seu pensamento.

Do pensamento moderno, Fessard estudou e se beneficiou particularmente de Hegel. De fato, dez anos antes de se publicar a tradução da *Fenomenologia do Espírito* feita por Jean Hyppolite, ele já havia traduzido e comentado parte dela, dispondo-se inclusive a publicá-la na *Revue philosophique*, em 1930, sob direção de Jean Wahl, no número de comemoração do centenário da morte de Hegel. Todavia, como lhe foi negada autorização superior, a tradução permaneceu inédita ¹¹. Deve-se notar, porém, que o próprio Fessard se opunha declaradamente a ser classificado como hegeliano ¹². Dois outros autores de grande influência e relacionados, por oposição, a Hegel, também foram cuidadosamente estudados por ele: Marx e Kierkegaard. O que ele chamou de dialética homem-mulher – a seu ver, mais importante do que a dialética hegeliana senhor-escravo – foi

⁸ G. FESSARD, *De l'Actualité Historique*, op. cit., t. I, 224.

⁹ G. FESSARD, *Hegel, le christianisme et l'histoire*, Paris: Puf, 1990, 28.

¹⁰ G. FESSARD, *Le Mystère de la Société*, Bruxelles: Culture et Vérité, 1996, 9-10 e n. 6.

¹¹ Veja-se a informação de Michel Sales em *Hegel, le christianisme et l'histoire*, 9, n. 4.

¹² Veja-se, por exemplo, a análise crítica que ele faz do pensamento de Hegel em relação ao de Marx em *Chrétiens marxistes et théologie de la libération*, 256-319.

extraída de Marx¹³. E de Kierkegaard pôde tirar uma importante dimensão existencial. Contudo, cabe notar outra vez que ele tratou estes pensadores a partir de sua perspectiva essencialmente cristã.

2. A dialética paulina do pagão e do judeu

A. A elaboração

O próprio Gaston Fessard nos informa acerca da elaboração desta dialética. Surgiu de seu estudo escrito em 1926-1927, *Connaissance de Dieu et foi au Christ selon saint Paul*:

De minha parte, devo a este trabalho o haver percebido, mas somente dez anos depois, o que então denominei a *dialética do Pagão e do Judeu*, tomando a palavra “dialética” num sentido nitidamente hegeliano. Entretanto, em 1926, tendo apenas começado o estudo de Hegel, eu era mais influenciado por Maurice Blondel e sua primeira filosofia¹⁴.

Note-se de passagem que o autor via semelhança entre o *L’Action* (1893) de Blondel e a *Fenomenologia* de Hegel, relatando que disse isso a Blondel, o qual lhe respondeu que a mesma observação fizera seu amigo Victor Delbos¹⁵.

Quanto à influência de Hegel na elaboração da dialética pagão-judeu, o autor a declarou em “Diálogo teológico com Hegel”:

Por ocasião do primeiro destes livros [*Pax Nostra*], no qual tentava definir a atitude do cristão diante do conflito internacional iminente, Hegel me fez perceber em São Paulo uma dialética do Pagão e do Judeu, enquanto Kojève contribuía para me fazer captar a importância da dialética Senhor-Escravo [...] ¹⁶.

B. A enunciação

Nominalmente, a dialética do pagão e do judeu é tratada, pela ordem, em *Pax Nostra* (1936), em *Paix ou Guerre?* (1951), em *De l’Actualité Historique*

¹³ Observe-se que Fessard antecipou em mais de 20 anos os estudos sobre os *Manuscritos econômico-filosóficos*, ao incluir extenso estudo sobre eles em seu livro de 1937, *La main tendue. Le dialogue catholique-communiste est-il possible?*, 211-244, como uma “Nota” intitulada: “O comunismo, fim da alienação humana”.

¹⁴ In *Mythe et Foi*, Paris: Aubier, 1966, 117-147, aqui, 117. Ao texto, segue-se um debate contido nas pp. 149-160.

¹⁵ *La Dialectique des Exercices Spirituels*, t. I, 6, n. 1. Em conversa recente, o Prof. José Henrique Santos, um reconhecido e respeitado estudioso de Hegel, disse-nos haver percebido certa semelhança entre as duas obras.

¹⁶ G. FESSARD, *Hegel, le christianisme et l’histoire*, op. cit., 27.

(1960), em *Le Mystère de la Société* (1996)¹⁷ e no mencionado “Diálogo teológico com Hegel”, numa seqüência de citações que considera a publicação de livros, e não a de artigos. A sua mais clara formulação ocorreu no cap. II de *Paix ou Guerre?*, razão pela qual daí a extraímos.

Este pequeno livro trata da situação internacional daquele momento, com a Europa espremida entre a URSS, de um lado, e os EUA, de outro. Era, portanto, o quadro do que se chamou de Guerra Fria. Diante dele, na peculiaridade da situação européia, Fessard faz sua análise segundo a perspectiva cristã, tal como antes, desta mesmíssima perspectiva, analisara a aproximação da 2ª Guerra, os acordos de Munique e, depois, a sedução do comunismo; a mesma perspectiva mediante a qual examinava minuciosamente o pensamento de Claude Lévi-Strauss e a lingüística de Gustave Guillaume. Tratava-se, então, de esclarecer que posição tomar entre URSS e EUA, e, para isso, a exposição da dialética do pagão e do judeu servia como fundamento explícito.

Em suas 105 páginas, *Paix ou Guerre?* assim se organiza:

- I. A situação atual
- II. A atitude comandada pela Esperança cristã
- III. Que pensar da Objeção de Consciência?
- IV. A opção entre os dois blocos, soviético e americano, é necessária?
- V. Conseqüências desta opção sobre o plano nacional

Conclusão

Apêndice: O neutralismo cristão de Karl Barth

É no cap. II, depois de examinar a situação do momento, que o autor expõe a dialética do pagão e do judeu, que assume, então, a importante função de fundamento da análise subsequente.

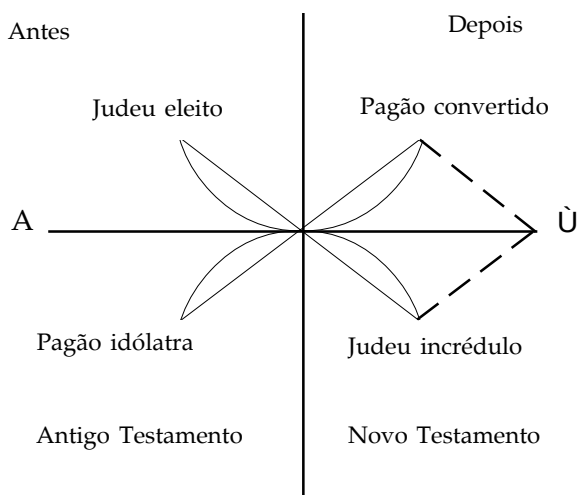
Para obter maior clareza, encaminhemos a exposição mediante *passos*, recurso, aliás, já usado por Fessard em obra posterior.

1º Tal como Paulo, o autor afirma Jesus como o centro da história, de modo que esta passa a ser considerada *antes de Cristo* e *depois de Cristo*;

2º dada a condição bíblica da eleição de Israel, ele deve focalizar o *judeu eleito* e o outro deste, isto é, o *pagão idólatra*, tanto *antes* quanto *depois* de Cristo, de modo que a referência básica e definidora é o Cristo;

¹⁷ Organizada por Michel Sales e publicada em 1996, esta obra reúne textos escritos na década de 1940 e que começaram a ser publicados em 1948.

3º isto posto, o quadro assim se delineia: *antes de Cristo*, há, de um lado, o judeu eleito e, de outro, o pagão idólatra; com a vinda de Cristo, a maioria de Israel não lhe reconhece a qualificação de Messias, a qual, ao contrário, é admitida pelos pagãos, e este duplo fato faz com que, *depois de Cristo*, a situação se inverta, tornando-se o judeu incrédulo, e o pagão, convertido. Em suma, o judeu passa *de eleito* (antes de Cristo) *a incrédulo* (depois de Cristo); e o pagão, *de idólatra* (antes de Cristo) *a convertido* (depois de Cristo). A figura abaixo, a única fornecida pelo autor¹⁸, permite-nos visualizar a dialética pagão-judeu.



4º A atitude de recusa do judeu deriva de seu *orgulho* como sujeito da Lei, e a aceitação do pagão decorre de sua *boa vontade*. Contudo, como Deus não se arrepende de haver elegido Israel nem das promessas que fez, a inclusão do pagão – ou, conforme a imagem bíblica, o seu enxerto na oliveira – estende agora a salvação a todo o gênero humano, a aliança passa a referir-se a todos. O significado disso Fessard o encontra também em Paulo: “Deus nos encerrou a todos na desobediência para ter de todos nós misericórdia” (Rm 11, 32).

5º Fessard, como se vê, colhe os elementos da denominada dialética pagão-judeu nas cartas de Paulo a pagãos convertidos: os romanos, os gálatas e os efésios. Com efeito, na mesma carta se lê:

¹⁸ G. FESSARD, *De l'Actualité Historique*, op. cit., 1960, t. II, 55.

Pelo que diz respeito ao Evangelho, eles [os judeus] são inimigos para o vosso bem; mas, segundo a eleição, são amados por causa dos pais. Porquanto são irrevogáveis os dons e a vocação de Deus. Pois, assim como vós [romanos] por algum tempo fostes desobedientes a Deus, porém agora alcançastes misericórdia pela desobediência deles, assim também eles, que se negam a obedecer, para dar lugar à misericórdia a vós concedida, alcançarão por sua vez a misericórdia (11, 28-31).

6º Segue-se daí, como realçou Fessard tantas vezes, que, pela mediação de Cristo, o muro de inimizade que separava judeu e pagão foi derrubado e, a partir de então, formam um único povo (Ef 2, 11-22). Por isso, Cristo é a nossa paz. Donde provém o título da primeira obra de Fessard: *Pax Nostra*.

7º A relação entre judeu e pagão se caracteriza por um duplo movimento de oposição e inclusão, e sua resultante ou síntese é o cristão. Todavia, mesmo neste permanece a tensão que pode desaguar ou no *orgulho* (do judeu) ou na *idolatria* (do pagão). O próprio autor, aos 80 anos, dizia de si mesmo: “Eu sou um pagão idôlatra que se esforça penosamente para se converter e tornar-se cristão”¹⁹.

8º Como se vê, em sua elaboração, o autor toma *judeu* e *pagão* como *tipos* ou *figuras paradigmáticas*, e nesta perspectiva pode aplicá-los à sua compreensão da história, a uma tomada de decisão e até mesmo usar esta dialética como princípio de uma filosofia da história. Neste sentido é que se deve afastar qualquer impressão, por minúscula que seja, de referência negativa à condição judaica e menos ainda a Israel, seja o do passado distante ou o do presente. Dois reconhecidos intelectuais judeus e amigos de Gaston Fessard – Jeanne Hersch e Raymond Aron – não duvidaram disso. Usando esta dialética pagão-judeu, o autor procurou compreender a obra de R. Aron, o qual recebeu com carinho a iniciativa do amigo de fé diferente da sua. E J. Hersch comentou com sensibilidade a relação entre os dois amigos e seus pensamentos, enfatizando a importância da dialética pagão-judeu para Fessard²⁰.

9º Por fim, o autor considera a dialética do pagão e do judeu como “o esquema do exercício espiritual que o cristão deve refazer toda vez que, diante dele, se coloque algum problema que interesse à paz e à guerra”²¹.

¹⁹ G. FESSARD, *Le Mystère de la Société*, op. cit., 118.

²⁰ Veja-se o longo prefácio de J. Hersch à obra inacabada de Fessard, organizada e publicada por Michel Sales sj: *La philosophie historique de Raymond Aron*, Paris: Julliard, 1980, 7-24. Veja-se também nesta obra (pp. 390-404) a lúcida e interessante entrevista do autor concedida a Gwendoline Jarczyk, sob o título de “O mistério de Israel”, publicada originalmente em *France catholique – Ecclesia* (01/06/1973), abordando questões do momento francês e palestino relacionadas a Israel.

²¹ G. FESSARD, *Paix ou Guerre?*, Paris: Monde Nouveau, 1951, 26.

C. Reações à dialética paulina do pagão e do judeu

Por sua concepção, Fessard teve de enfrentar reações de crítica. A todas respondia com a mesma atitude exemplar de sempre: sobriedade e elegância. Porém, sem descurar do interesse pela verdade e sem minimizá-la a favor de uma pretensa conciliação, ele – que afirmava que o diálogo Homem-Deus é o verdadeiro modelo de todo diálogo e, por isso, considerava o diálogo humano uma prova ou via para Deus – procurava desentranhar da crítica que lhe era feita pontos ou elementos de convergência que pudessem aproximar o opositor. O exame dessas críticas ajuda a esclarecer a concepção de Fessard e vê-lo em sua postura pessoal.

I. É paulina?

O autor, quando da redação de *Pax Nostra*, sua primeira obra e também a primeira a tratar o tema²², pediu ao renomado exegeta Joseph Bonsirven que lesse o manuscrito de um capítulo relativo à dialética pagão-judeu. Este, depois da leitura, disse-lhe: “Nunca vi algo semelhante em São Paulo”. O que provocou no autor, conforme suas palavras, “um choque um pouco desagradável” que foi, porém, diz ele, compensado posteriormente à publicação do livro. O mesmo exegeta, lendo o livro, escreveu-lhe em 07/07/1936 numa carta muito elogiosa: “Acabei por ligar-me à vossa oposição entre o pagão e o judeu...”²³. Quanto ao mesmo ponto, lendo o manuscrito, nenhuma oposição lhe fizeram Jules Lebreton e Joseph Huby²⁴.

No balanço que apresentou em 1960 e que seguimos aqui – “A favor e contra a dialética do pagão e do judeu”²⁵ – Fessard menciona, sem dizer o nome do autor, a objeção segundo a qual a antítese judeu-pagão não é fundamental em Paulo, pois diz respeito apenas a “antagonismos étnicos que opõem, respectivamente, ‘Judeus e Nações’ ou ‘Gregos e Bárbaros’”²⁶. Em resposta, depois de localizar os textos paulinos em que o tema é tratado, particularmente na Carta aos Romanos, lembra ao crítico que é o próprio Paulo quem afirma ter recebido “esta graça de anunciar aos gentios a incalculável riqueza de Cristo, e dar a todos luz acerca da dispensação do mistério oculto desde os séculos em Deus” (Ef 3, 8-9; também 3, 1-7). Na mesma linha, ele acrescenta a opinião concorde do exegeta Pierre Benoit acerca do tema. Ei-la:

Que as duas categorias de “Judeus” e “Gentios” tenham sido concebidas pelos judeus e cristãos desta época, como as duas partes exclusivas que

²² Veja-se G. FESSARD, *Pax Nostra. Examen de conscience international*, Paris: Grasset, 1936, 39-45 e 200-241.

²³ G. FESSARD, *De l'Actualité Historique*, op. cit., t. I, 217.

²⁴ *Ibid.*

²⁵ *Ibid.*, 215-241.

²⁶ *Ibid.*, 217-218.

dividiam a humanidade, é uma verdade que não nos parece necessário demonstrar. Ela resulta de toda a Bíblia e se impunha tanto a Paulo como aos outros; aliás, é de uma perfeita exatidão teológica²⁷.

Em seguida e na mesma linha da opinião de P. Benoit, o autor insiste no estatuto de *categorias históricas* das duas figuras ou de “duas classes do ser histórico”, consideração que escapou a Hegel²⁸.

II. É relevante para a inteligibilidade do ser natural e sobrenatural?

Fessard formulou e conjugou três antíteses: cronologicamente, a do pagão-judeu, extraída de Paulo, foi a primeira; a do senhor-escravo, tirada de Hegel, foi a segunda; e a terceira, tomada de Marx, foi a do homem-mulher²⁹. Seu contraditor aceitava como relevante a antítese homem-mulher, mas recusava relevância explicativa à pagão-judeu. Em resumo, assim objetava:

A antítese do pagão e do judeu difere totalmente daquela do homem e da mulher. Primeiro, quanto àquilo que nela não se relaciona de modo algum com a natureza humana, mas unicamente com a história contingente da revelação sobrenatural. Segundo, quanto àquilo que nela é somente a antítese de duas perversidades morais em face desta revelação³⁰.

Fessard responde que concorda com o crítico quanto à *distinção* das duas dialéticas, não quanto à *separação* delas, já que a dialética Homem-Mulher é “o motor principal da gênese *natural* da humanidade, enquanto que Pagão-Judeu se refere à gênese *sobrenatural*”³¹. Em seguida, observa a contradição do crítico que afirma, ao mesmo tempo, ser a antítese pagão-judeu um “*antagonismo étnico*” – portanto *natural*, vale dizer, “fundado sobre a *geração* e a *relação homem-mulher*” – e, no entanto, separada da antítese homem-mulher.

III. É dialética?

No Colóquio de Roma, em 1966, sobre *Mito e Fé*, Alphonse de Waehlens indaga a Fessard sobre a unidade de suas três dialéticas. Respondendo à pergunta, o autor esclarece o caráter dialético da antítese pagão-judeu.

²⁷ *Révue biblique* (1937) 531, citado em *De l'Actualité Historique*, t. I, 221.

²⁸ G. FESSARD, *De l'Actualité Historique*, op. cit., t. I, 221-222.

²⁹ Várias passagens testemunham a importância que Gaston Fessard atribuía às três dialéticas. Parece-nos emblemático e importante o seguinte trecho de carta a seu amigo de sempre, Henri de Lubac, datada de 27/04/1965: “Eu trabalho sempre meus Exercícios e a linguagem, Lévi-Strauss etc. [...] Vereis em que direção me oriento: em suma, uma interiorização de minhas três dialéticas na linguagem enquanto esta nasce do diálogo Homem-Deus, modelo do diálogo entre humanos”. In *La Dialectique des Exercices*, t. III, 515.

³⁰ G. FESSARD, *De l'Actualité Historique*, op. cit., t. I, 227.

³¹ *Ibid.*

Distinguindo o sentido de *dialética* na *Ciência da Lógica* e na *Fenomenologia do Espírito*, ele afirma que esta antítese é dialética no sentido da *Fenomenologia do Espírito*. Eis sua explicação:

É em função deste modelo fenomenológico que expus a dialética Pagão-Judeu. Porque ela implica, de início, uma cisão primordial entre *Antes* e *Depois* de Cristo, e, em seguida, que cada um destes momentos se desdobre em *antes* e *depois* do Antes, bem como em *antes* e *depois* do Depois, enquanto que Judeu-eleito e Pagão-idólatra intercambiam suas respectivas situações, tornando-se o primeiro Judeu-incrédulo e o segundo, Pagão-convertido, esperando o Fim da História que deve reunir estes ‘dois povos’. Logo depois, afigurou-se-me que a mesma quádrupla cisão, simultaneamente temporal e lógica, com sua síntese em três termos, Pagão-Judeu-Cristão, na tripla dimensão, passado-presente-futuro, podia explicar a análise do tempo e da liberdade que os *Exercícios Espirituais* apresentam, em particular a estrutura dialética de suas Quatro Semanas em relação com as Três Vias clássicas da vida espiritual – purgativa, iluminativa, unitiva...³²

3. Considerações críticas

Ao propor esta dialética do pagão e do judeu, o autor não tinha diretamente em vista o espírito belicoso, individual e coletivo, que parece haver, latente ou patente, em todas as sociedades humanas. Contudo, propondo-a, ele assestou contra tal espírito, e outras situações, um critério rigoroso e, *em sua perspectiva*, definitivo, pois que recorre à própria presença de Deus na história. É claro que se trata aqui de um recurso ao plano teológico e religioso; no entanto, Fessard, que estava muito longe de ser um simplório, levava-o muito seriamente em conta, a ponto de insistir em certa semelhança entre suas três dialéticas e algumas teses de Claude Lévi-Strauss, em correspondência trocada com este. Ele não se inibia de dizê-lo francamente ao antropólogo e ateu confesso.

Nesta linha, pode-se dizer que o cristão-jesuíta Fessard, através dos olhos do teólogo-filósofo Fessard, via nesta dialética uma forma ativa de responder ao mandamento do duplo amor a Deus e aos homens, porque

estes dois mandamentos desvelam, da forma mais simples, todo o mistério divino como também humano. Comentados pela vida e a morte d’Aquele

³² G. FESSARD, “Connaissance de Dieu et Foi au Christ selon Saint Paul”, in ID., *Mythe et foi*, Paris: Aubier, 1966, 117-160, aqui, 150. Observe-se que Charles Journet, em 1947, criticara Fessard por usar Hegel em sua compreensão da Igreja. Todavia, em 1969, ao publicar o 3º vol. de sua grande obra *L’Église du Verbe Incarné*, sob o título de *Essai de théologie de l’histoire du salut*, discorre também, sem citar Fessard, sobre “A dialética paulina dos Judeus e dos Gentios”. Veja-se C. JOURNET, *Oeuvres Completes*, Ed. Saint-Augustin, 2004, v. IV, 758-773.

que os proferiu, eles fundam as verdades elementares do catecismo e determinam o centro em torno do qual gravitam todos os problemas da vida social e da vida individual, como também o meio graças ao qual a unidade da humanidade pode tornar-se outra coisa que um ideal quimérico³³.

Há, porém, um outro aspecto a que atende esta dialética. Trata-se do que o autor chamou de gênese ou história sobrenatural da humanidade, ao lado da gênese ou história natural pelo que respondiam as outras duas dialéticas. Em 1966, em importante estudo que passou despercebido – “A História e seus três níveis de historicidade”, publicado na revista *Sciences ecclésiastiques*³⁴ e republicado, por disposição expressa do autor, como Apêndice I do t. III de *La Dialectique des Exercices Spirituels...*³⁵, Fessard distingue, sem separar, três tipos de história, como se segue.

I. A *história natural* que abrange “o mundo sensível com a multiplicidade dos diversos seres que contém, aí compreendido o próprio homem e suas sociedades”³⁶. A *forma* do devir desta história (o tempo físico, cósmico e biológico) pode ser representada por uma linha *reta* que a nossa inteligência pode seccionar, com uma ou várias perpendiculares, numa sucessão de *antes* e *depois* cuja ligação permanece *extrínseca*. Dado que, na natureza, há a repetição de seres e ciclos, a esta reta sobrepõe-se o *círculo*. Com isso, Fessard retoma as duas figuras que utiliza amplamente desde *La Dialectique des Exercices Spirituels...*, e que, neste estudo, servem tanto como síntese quanto transição expositivas. Lá como aqui, acrescentará a elas perpendiculares, diagonais e semi-círculos.

II. A *história humana* que abrange “os atos e as obras das liberdades humanas que [sobre o fundo da história natural] se manifestam por *signos* expressivos de suas intenções, particularmente pela *linguagem* específica de seu meio social e político”³⁷. Nesta história, a *forma* do devir aparece na sucessão de *antes* e de *depois* que, ao contrário da história natural, estão ligados *intrinsecamente*. Aqui aparece a *linguagem* unindo o ato livre e a obra criada por ele. Ora, pela linguagem (fato social), o homem pode, mediante a liberdade (fato pessoal), remontar o curso dos acontecimentos, compreendê-los e fazer-lhes a síntese. Por isso, aí pode ele *decidir* e *criar*.

III. A *história sobrenatural*, vista desde o início da humanidade, abrange “a interação do homem e de Deus ou deuses, enquanto manifesta ou revela o *sentido*, ou a razão de ser e o fim, da *história humana universal* com a história da natureza de que é parte”³⁸. Ao ver do autor, a crença nesta

³³ G. FESSARD, *De l'Actualité Historique, op. cit.*, t. I, 211.

³⁴ *Sciences ecclésiastiques* 18 (1966/n. 3) 329-357. (Facultés Jésuites, Montréal)

³⁵ Pp. 449-475.

³⁶ *Ibid.*, 453.

³⁷ *Ibid.*, 455.

³⁸ *Ibid.*, 468.

interação humano-divina não é específica do homem religioso, visto que se encontra sob as mais diversas visões de mundo, e mesmo entre os agnósticos e os ateus mais decididos como, por exemplo, Jean-Paul Sartre ou Claude Lévi-Strauss. Isto porque tal interação “carrega em princípio, seja sob forma simbólica, mítica ou imaginária, a solução da antinomia contra a qual se choca a historicidade humana”³⁹. A *forma* do devir própria à história sobrenatural não só inclui a relação intrínseca entre *antes* e *depois*, bem assim o *depois do Antes* e o *antes do Depois*, como na história humana; vai além porque abrange o *antes do Antes* e o *depois do Depois*. Ela abraça a totalidade do tempo, afeta o *hic et nunc* e confere sentido à totalidade. A dialética do pagão e do judeu se relaciona à história sobrenatural.

Gaston Fessard, desde 1926, não se afastou do estudo da obra de Hegel e foi por ela muito influenciado. Ele mesmo confessa o fato. Não foi, porém, a rigor, um discípulo dele, fato que Fessard fez questão de realçar, e para isso havia duas razões. Primeira: ele estudou Hegel a partir da milenar tradição cristã, levado pelo que parece ser uma inclinação essencial desta, isto é, no convívio histórico, pôr-se a par das correntes da história e com elas enriquecer-se, numa atualização de sua identidade⁴⁰. E o fez na conformidade do regime noético que, há mais de dois mil anos, prescreve a *necessidade de dar conta ou razão do que se afirma*, não obstante soubesse ele perfeitamente que esta não é a única via de conhecimento. Segunda: havia teses do grande filósofo alemão das quais ele discordava.

Quando este homem sóbrio e elegante, de opiniões fortes e firmes faleceu, encerrou-se uma vida de dedicação e serviço. E ele, graças à *synopsis* que atingira e à experiência pessoal, sabia a Quem iria encontrar. Não se pode pedir mais.

4. Notícia biobibliográfica

Para expressar de modo direto as informações sobre a vida e a obra deste autor, escolhemos mostrá-las mediante o seguinte roteiro cronológico.

1897: nascimento a 28 de janeiro de Gaston Fessard em Elbeuf-sur-Seine.

1913: no outono, ingressa no noviciado da Companhia de Jesus, juntamente com o futuro antropólogo Marcel Jousse.

³⁹ *Ibid.*

⁴⁰ Na compreensão do pensamento de Fessard não se pode esquecer, em momento algum, o seu compromisso definitivo com a fé. Ele nunca deixou de levar a sério o que havia escrito em 1923 na obra só publicada em 1938: “Se quero que Deus exista para mim, cabe-me afirmá-lo em cada um de meus atos” (G. FESSARD, *La méthode de la réflexion chez Maine de Biran*, Saint-Amand: Librairie Bloud & Gay, 1938, 142).

1916-1919: mobilizado para a guerra, serve no front como sub-oficial; em 1919 é desmobilizado em Constantinopla.

1923-1926: estudos de direito e filosofia na Universidade de Paris.

1926: passando férias em Munique, descobre casualmente numa livraria a obra de Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, a cuja leitura, estudo e tradução ele se dedica solitariamente, e pela qual sempre manteve interesse.

1928: ordenado padre a 28 de setembro.

1930-1931: retiro em Münster, encerrando sua formação de jesuíta.

1931-1934: atividade de orientador espiritual junto a crianças e jovens nos colégios de sua ordem religiosa em Poitiers e Paris.

1934-1962: redator da revista *Études* e secretário da revista *Recherches de Science Religieuse* em Paris.

1935-1939: participa do seminário de Alexandre Kojève, na École des Hautes Études, sobre a *Fenomenologia do Espírito*, juntamente com Eric Weil, Maurice Merleau-Ponty, Jacques Lacan, Raymond Aron, Georges Bataille e outros. Ao término, Kojève incumbiu Fessard e Aron de fazerem a avaliação crítica. Data desta época a amizade entre Fessard e Aron, nunca interrompida.

1936: publicação de *Pax Nostra. Examen de conscience international*, Grasset.

1937: publicação de *La main tendue. Le dialogue catholique-communiste est-il possible?*, Grasset.

1937: publicação de *Théâtre et Mystère*. Longo estudo da obra teatral marceliana posto como introdução à peça *Le soif*, de Gabriel Marcel, de quem se tornou amigo desde 1934, apresentado pelo Pe. Henri de Lubac, colega de seminário, amigo pessoal e revisor dos textos de Fessard durante toda a vida.

1938: publicação de *La méthode de réflexion chez Maine de Biran*, Bloud et Gay. Este estudo estava pronto desde 1923.

1939: publicação de *Épreuve de force. Réflexion sur la crise internationale*, Bloud et Gay.

1940: mobilizado para a guerra de 10 de maio a 25 de junho.

1941: publicação clandestina, em novembro, de *France, prends garde de perdre ton âme!*, no 1º caderno de *Témoignage chrétien*. Fessard participa da resistência à ocupação nazista e é quase preso pela Gestapo.

1944: publicação de *Autorité et Bien commun*, Aubier. Em 1969, esta obra foi reeditada com acréscimo de um Posfácio.

- 1945: publicação de *France, prends garde de perdre ta liberté*, Témoignage chrétien. 2ª ed. aumentada em 1946.
- 1948: publicação de *Le communisme va-t-il dans le Sens de l'histoire?*, Psyché.
- 1951: *Paix ou Guerre? Notre Paix*, Monde Nouveau.
- 1956-1984: publicação de *La Dialectique des Exercices Spirituels de saint Ignace de Loyola*, t. I; o t. II foi publicado em 1966, ambos pela Aubier; e o t. III em 1984, postumamente, pela Culture et Vérité.
- 1957: publicação de *Libre Méditation sur un Message de Pie XII (Noël 1956)*, Plon.
- 1960: publicação de *De l'Actualité Historique*, 2 t., Desclée de Brouwer.
- 1965: conferência “Symbole, Surnaturel, Dialogue”, feita no Colóquio de Roma sobre *Desmitização e Moral*. A esta conferência seguiu-se uma importante correspondência entre Gaston Fessard e Claude Lévi-Strauss, desconhecida dos leitores deste antropólogo. Esta correspondência foi publicada como apêndice do t. III de *La Dialectique des Exercices Spirituels*.
- 1966: conferência “Connaissance de Dieu et foi au Christ selon saint Paul”, feita no Colóquio de Roma sobre *Mito e fé*. Este ensaio havia sido escrito em 1926-1927.
- 1973: publicação de *La Théologie de la Libération*, Kyrios.
- 1978: morte de Gaston Fessard a 18 de junho, em Trinité de Porto Vecchio, na Córsega.
- 1978: publicação de *Chrétiens marxistes et Théologie de la Libération. Itinéraire de P. J. Girardi*, Culture et Vérité.
- 1979: publicação de *Église de France, prends garde de perdre la Foi!*, Julliard.
- 1980: publicação de *La Philosophie Historique de Raymond Aron*, Julliard.
- 1985: publicação de *Correspondance Gabriel Marcel – Gaston Fessard (1934-1971)*, Beauchesne.
- 1989: publicação de *Au temps du Prince-Esclave. Écrits clandestins et autres écrits (1940-1945)*, Criterion.
- 1990: publicação de *Hegel, le christianisme et l'histoire*, Puf.
- 1997: publicação de *Le Mystère de la Société. Recherches sur le Sens de l'Histoire*, Culture et Vérité.
- 2001: publicação de *Journal de la conscience française 1940-1944*, Plon.

Após a morte de Fessard, todas as obras publicadas, exceto a de 1989, foram cuidadas e organizadas pelo Pe. Michel Sales sj, ex-aluno e amigo do autor. A Michel Sales deve-se também o minucioso levantamento de toda a bibliografia de Gaston Fessard publicada na obra de 1990, às pp. 300-317, incluindo artigos e participações em debates⁴¹.

Júlio Ferreira de Oliveira é graduado em Direito (UFMG, 1973) e Economia (PUC-MG, 1982), mestre em Economia (UFMG, 1996) e doutor em Filosofia (UFMG, 2002). Professor de História do Pensamento Econômico no ICEG da PUC-MG. Sua tese de doutorado *Ethos e Politeia. Os fundamentos da concepção marxiana da economia* foi publicada pela Ed. Unisinos (2004).

Endereço: Rua Lagoa Dourada, 347
30410-390 *Belo Horizonte* – MG
E-mail: julio.ferreira.olive@terra.com.br

⁴¹ Deve-se também a Michel Sales o registro de influências de Fessard. Assim, a seu pedido, Albert Chapelle relatou minuciosamente sua dívida fundamental com Gaston Fessard. Veja-se A. CHAPELLE, *Au creux du rocher. Itinéraire spirituel et intellectuel d'un jésuite*, Bruxelles: Lessius, 2004, 93-98 *passim*. A influência de Fessard é notada igualmente na obra coletiva *Les Exercices Spirituels d'Ignace de Loyola. Un commentaire littéral et théologique*, Bruxelles: Ed. de l'Institut d'Études Théologiques, 1990. As referências a Fessard aparecem nos capítulos redigidos por Chapelle e outros. Quanto à influência sobre Claude Bruaire, é possível ver seu indício em C. BRUAIRE, *La Dialectique*, Paris: Puf, 1993, 106-122.